

“O PSICANALISTA SÓ SE AUTORIZA DE SI MESMO”

Início com três citações de Lacan:

“O analista só se autoriza de si mesmo, isso é óbvio (...) Aquilo que ele tem de cuidar é que, a autorizar-se por si mesmo, haja apenas o analista (...) Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas por si mesmo” (LACAN, 2003, p.314).¹ Estas são frases de Lacan escritas em um texto intitulado “Nota Italiana”, onde ele reafirma sua posição com relação à formação dos psicanalistas postulada pela primeira vez na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola”. Esse aforismo, “o analista só se autoriza de si mesmo”, liga diretamente a formação do psicanalista à realização de um processo de análise pessoal.

No modelo de formação proposto pela Internacional Psychoanalytic Association, a IPA, e em especial pelos pós-freudianos, este critério da análise pessoal é exigido como uma via pela qual o candidato encontra na identificação com seu didata a possibilidade e a promessa de se tornar analista. Essa identificação é com o terapeuta na medida em que ele, na transferência, ocupa o lugar de um eu forte com o qual o paciente quer se parecer para adquirir autonomia para seu ego. Lacan, ao falar da situação da psicanálise em 1956, critica intensamente as simplificações psicologizantes a que os psicanalistas da época se entregaram e em especial, cito, (...) “a da psicanálise para a qual o uso consagra o título de didata, e a qual, transforma-se numa experiência de identificação dual”. E continua: “Não somos nós aqui que proferimos um julgamento; foi no círculo dos didatas que se postulou e se professa a teoria

¹ LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

que confere como finalidade à análise a identificação com o *eu* do analista" (LACAN, 1998, p.491)². E ainda em "Variantes do tratamento- padrão" diz que: "O fato é que um teórico, opinando sobre a delicada questão do término da análise, afirma cruamente que ela implica a identificação do sujeito com o Eu do analista, na medida em que esse Eu o analisa" (LACAN, 1998, p. 340)³.

A formação dos analistas se tornou uma preocupação para a IPA a partir do momento em que a psicanálise começou a se expandir e com isso surgiram cada vez mais candidatos a analista. Desde então, o estabelecimento de critérios para outorgar-lhes esta titulação passa a ser indispensável. Depois de uma série de discussões ao redor dessa temática, nasce o tripé no qual se sustenta a formação analítica: a análise didática, mais seminários e supervisão.

O problema é que, a partir de então, as regras com relação ao método psicanalítico e os passos que deveriam ser seguidos para alcançar a posição de analista se tornaram cada vez menos flexíveis. O controle e a permissão para tal ascensão ficaram nas mãos das instituições e a formação dos analistas passou a ser o pilar da Internacional. Mantê-lo rigorosamente intacto era uma questão vital. Por esse motivo, quem colocasse isso em risco, era punido com expulsão. A partir do estabelecimento dessas normas, se abriu a possibilidade de ampliar as sociedades filiadas com um risco de desestruturação reduzido. Essas regras, portanto, passaram a ser impostas a todas as sociedades filiadas à IPA e, ao final de um percurso a ser cumprido, o título de psicanalista era outorgado. Atualmente não encontramos grandes modificações com relação a este aspecto. No site da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo,

² LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

³ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

órgão filiado a IPA, ao final da lista de critérios a serem cumpridos, consta a seguinte informação: “Uma vez concluídas as obrigações curriculares, e tendo sido nelas aprovado, o membro filiado será qualificado pela Diretoria do Instituto como psicanalista”.

Como todos sabem, Lacan tinha pleno conhecimento a respeito do que se passava no seio da IPA, pois iniciou sua formação na Sociedade Psicanalítica de Paris, filiada a aquela instituição, e nela esteve por um longo período (1934 a 1963) até que sua permanência se tornou insustentável. Isso se deu principalmente por não se curvar as regras impostas que ao longo do tempo foram se tornando extremamente rígidas. As críticas e a fiscalização sobre ele se intensificaram quando passou a atuar diretamente na formação de outros analistas. Isso culminou na sua saída da Sociedade citada acima e posteriormente da Sociedade Francesa de Psicanálise. Em 1964, ele funda sua Escola (Escola Francesa de Psicanálise) e nela coloca a formação do psicanalista desde outro prisma, sustentando-a principalmente no desejo. Entretanto, a análise pessoal, o estudo da teoria e as supervisões continuam, como desde Freud, a ser o tripé de formação de um analista, mas são tomadas de uma maneira diferente. Não como critérios obrigatórios a se cumprir, mas indispensáveis para a sustentação de uma prática clínica.

A partir desta interlocução que fez com o modelo imposto pela IPA, Lacan pode fazer questionamentos e acréscimos importantes na elaboração da sua concepção da psicanálise. Questionamentos estes que certamente eclodiram na medida em que foi desconstruindo conceitos como o da contratransferência e o da resistência e avançando no que de fato é a posição do analista na direção de uma cura e o que seria um final de análise.

Um analista, então, deixa de ser alguém que cumpriu determinadas regras curriculares e passa a ser alguém em cujo percurso de análise pode vivenciar as nuances transferenciais, deparar-se com suas próprias determinações inconscientes, com suas resistências, a questionar suas maneiras de gozar e perceber suas repetições na tentativa de delas extrair algo novo. Não se trata, portanto, de um processo de acumulação de conhecimento ou de aprendizagem de uma técnica. “O analista só se autoriza de si mesmo, isso é óbvio (...) Aquilo que ele tem de cuidar é que, a autorizar-se por si mesmo, haja apenas o analista (...) Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas por si mesmo” (LACAN, 2003, p.314).⁴ Portanto, diz respeito a tornar-se analista a partir de sua própria análise pessoal onde ocorre uma profunda e reiterada transformação que, ao seu final, por parte do analisante é experimentado como uma destituição subjetiva. Se na constituição subjetiva é necessária a alienação do sujeito ao desejo do Outro pela via da fantasia, no final de uma análise o que ocorre é a destituição deste lugar objetual e o sujeito, que antes estava atrelado ao desejo do Outro, agora poderá encontrar-se com seu próprio desejo.

Neste longo percurso de questionamentos este grande Outro para o qual nos fazemos objeto na esperança de satisfazê-lo e mantê-lo pleno, vai se mostrando carente de saber, ou seja, sua castração vai ficando evidente assim como a impossibilidade de camuflá-la. É isso que Lacan quer dizer com instalar a barra sobre o grande Outro. E permanecer como objeto que fantasmaticamente recobriria a sua falta, agora já não é mais uma determinação. A mensagem que retorna para o analisante, como

⁴ LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

consequência, é que também ele é castrado. O objeto em suas diferentes modalidades que antes era encarnado com a finalidade de tentar obturar a falta do Outro, e que não atingia seu objetivo pela constância do desejo, com a travessia do fantasma cai, ocorrendo uma disjunção entre ele e o sujeito barrado. Desta forma, podemos pensar que no fantasma encontramos dois estatutos de sujeito. Por um lado comporta o \$ que aparece aí como desejante e causado pelos significantes. Por outro, o coloca em posição de objeto que supostamente preencheria a falta no Outro e responderia à pergunta *Che vuoi?* A fantasma, para o sujeito, tem a função de responder ao enigma do desejo do Outro; é sua forma de tentar recobrir o furo no Outro.

Com a ressignificação desta posição, o objeto *a* que cai como um resto pode vir a ser causa de desejo para outros, sendo o agente do discurso que é particular à psicanálise, vale dizer, o discurso do analista. Se ao final de uma análise, do lado do analisante, ocorre uma destituição subjetiva, por parte do analista simultaneamente há um efeito de des-ser (perda de ser do analista) e a queda do Sujeito suposto Saber. Quanto a isso, Quinet nos diz: “O *des-ser* do analista permite a seu analisante vir a ser analista para outro sujeito; ele passa a ser esse saber suposto” (QUINET, 2009, p.139)⁵.

Isso se, durante esse processo, lhe surgir um desejo inédito que Lacan nomeará como desejo do analista. Esta questão, nos diz ele, não pode ser deixada de fora, já que a questão da formação do analista a coloca. E o objetivo de uma análise não seria outro a não ser levar o analisante a este

⁵ QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

ponto⁶. No Seminário sobre a ética da psicanálise onde encontramos as primeiras ideias a este respeito, está escrito o seguinte:

“O que o analista tem a dar, contrariamente ao parceiro do amor, é o que a mais linda noiva do mundo não pode ultrapassar, ou seja, o que ele tem. O que ele tem, nada mais é do que seu desejo, como o analisado, com a diferença de que é um desejo prevenido.

O que pode ser um tal desejo, propriamente falando, o desejo do analista? Desde já, podemos no entanto dizer o que ele não pode ser. Ele não pode desejar o impossível (LACAN, 1991, p.360)⁷

É um desejo prevenido na medida em que é atravessado pela castração. Na medida em que se deparou com a impossibilidade de responder a demanda que imaginariamente atribui ao Outro e de assim restituí-lo em sua falta radical. O analista ao invés de responder a demanda de amor que inevitavelmente o analisante endereça a ele, responde com seu desejo.

E, tomado por um desejo e não pelo seu ser, sustenta um enigma para o analisante. O término de uma análise corresponde à solução deste enigma que nada mais é que o enigma do desejo do Outro que agora aparece como puro desejo, impossível de ser satisfeito, não sendo portador de demanda alguma. Enigma que equivale ao “x” do desejo do analista que possibilita ao analisante se deparar com a incompletude do Outro e chegar a consentir com a castração.

É no final desse percurso, com a travessia do fantasma e a emergência do desejo do analista, que Lacan dirá que há um analista que poderá autorizar-se de si mesmo. Lembrando as suas palavras citadas no início desse trabalho:

⁶ LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

⁷ LACAN, J. *O Seminário, livro 7: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1991.

“Somente o analista, ou seja, não qualquer um, autoriza-se apenas por si mesmo” (LACAN, 2003, p.314)⁸.

A partir disso, formula-se uma questão: se for somente ao final de uma análise que há a possibilidade de surgimento de um analista, de que maneira quem ainda não a finalizou dirige as curas de seus analisantes? É certo que, para alguém que pretende tornar-se analista, os questionamentos vão para além do que normalmente é levado qualquer outro analisante. Nas palavras de Lacan:

O único princípio certo a formular, ainda mais por ter sido desconhecido, é que a psicanálise constitui-se como didática pelo querer do sujeito, e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra (LACAN, 2003, p.240).⁹

Isso porque, o desejo do analista não é nem o desejo de ser analista, nem o desejo de um analista, mas uma função na qual alguém se presta a ocupar o lugar de causa de desejo. Haveria possibilidade de ocupar este lugar, exercendo essa função com a formação ainda em curso?

Lêda Guimarães, desenvolvendo a questão do desejo do analista, diferencia dois aspectos: a primeira o definindo como uma função analítica que estabelece a direção operativa da clínica e a segunda como uma condição subjetiva própria à sustentação da função do analista, esta sim atingida somente em um final de análise quando ele se converte em um analista que se autoriza de si mesmo, que se autoriza neste desejo que ele viu emergir em si mesmo. Entendemos, com ela, que ao longo de um processo de formação

⁸ LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

⁹ LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

psicanalítica a possibilidade de sustentar mais firmemente este desejo que conduz uma análise vai se ampliando. A teoria, a análise de controle e a análise pessoal são o seu alicerce. Leda Guimarães, traduzindo sua experiência, nos fala que em seu caso “os estudos e o controle da prática clínica forneciam as ferramentas conceituais que instrumentalizam as mãos do operador, mas as devidas condições subjetivas para que as mãos do operador se tomassem cada vez mais firmes eram extraídas, apenas e tão somente, do próprio avanço de seu percurso de análise” (GUIMARÃES, 2002)¹⁰

O que se percebe é que as afetações do ser, que muitas vezes emergem e fazem ruído a escuta analítica, vão dando lugar a uma quietude de ausência de ser. E o esforço que era exigido para sustentar a neutralidade analítica, vai se tornando desnecessário. Essas afetações normalmente indicam algum desejo que o praticante nutre pelo paciente, como por exemplo, o de sanar os sintomas, de introduzi-lo no dispositivo analítico, ou de que siga no bom caminho da cura. De qualquer maneira, são manifestações de um desejo que se torna imperativo ao do paciente. Sinal de que o desejo do analista neste ponto fraquejou. Pois ele, que é considerado por Lacan como sendo o balizador da análise e o que move a transferência, não é um desejo imperativo. Pelo contrário: ao invés de se sobrepor ao desejo do paciente, permite que ele se pronuncie.

No seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan pergunta:

¹⁰ [Ornicar?](#) Digital N° 208- sexta-feira, 31 de maio, 2002. Multilingual Electronic Journal of Psychoanalysis, publicado em Paris por Jacques-Alain Miller.

Então, qual é a finalidade da análise, para além da terapêutica? Impossível não distingui-la desta quando se trata de produzir um analista.

Pois, como dissemos sem entrar na mola da transferência, é o desejo do analista que, em última instância, opera na psicanálise (LACAN, 1998, p.868).¹¹

Como já foi dito, ele permite que o analista sustente um enigma que corresponde ao enigma do desejo do Outro, que durante o percurso o analisante é convidado a desvendar. O que é oferecido, portanto, é um lugar de vazio, que poderá ser preenchido com a historicidade própria de cada paciente onde ele poderá rever as posições objetais que ocupa em suas relações. Este vazio permite exatamente que estas posições circulem, já que nenhuma delas satisfaz o analista que apenas se presta à multiplicidade transferencial proposta pelo analisante. Para tanto, e isso nunca é demais sublinhar, a pessoa do analista deve ficar de fora. Isto se torna possível na medida em que uma análise permite ao sujeito resignificar sua posição fantasmática mudando de perspectiva. As posições objetais oferecidas ao grande Outro vão sendo questionadas e ao longo desse processo vão caindo e dando lugar ao vazio necessário para que haja uma escuta analítica. E a manutenção deste vazio, que por sua vez é o que o analista tem a oferecer, se dá principalmente com a realização de uma análise pessoal em conjunto com a análise de controle. Isto é o que permite o exercício de uma prática sustentada nessa função que é o desejo do analista.

Existem momentos durante a análise em que se pode perceber com mais clareza o surgimento deste vazio, onde há um abandono de determinada

¹¹ LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998

posição objetual, consequência de sucessivos cortes no discurso que acabam por resignificar o lugar do sujeito diante do Outro. Antônio Quinet seguindo Michel Silvestre nos diz que estes são momentos cruciais que ocorrem durante o percurso da análise. De acordo com Quinet, eles são:

(...) momentos de descontinuidade no desenrolar de uma análise: momentos de surgimento do objeto, o que o faz chama-lo epifania do objeto, momentos decifráveis nas falhas ou fracassos do discurso em três registros: no da fantasia, no da pulsão e no da transferência (QUINET, 2009, 146).¹²

. Esta colocação nos leva a pensar que o que caracteriza esses momentos é surgimento do objeto *a* em seu estatuto de real e podemos percebê-lo quando o fantasma que tem como função recobrir imaginariamente a falta no Outro e propor um objeto para que seu desejo seja limitado a uma demanda, falha. Diante disso, o sujeito se defronta com a abertura desse desejo e a impossibilidade de completá-lo com quaisquer objetos que a pulsão venha a oferecer como opção e nos quais o gozo encontra sua sustentação. Portanto, falha também da pulsão, quando a demanda que condiciona seu circuito não mais favorece que o gozo pulsional predomine. Isto quer dizer também que as maneiras de gozar são colocadas em xeque. Por último, falha da transferência já que o lugar de Sujeito Suposto Saber sofre um abalo e o objeto sustentado pelo analista é despido de sua condição de semblante. Neste caso, o analista vai sendo desinvestido do saber que supostamente tinha com relação ao inconsciente de seu analisante. E este, por sua vez, onde não mais

¹² ¹² QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009

precisa contar com seu fantasma, vai gradativamente tendo acesso a seu desejo. São acontecimentos assim que, de acordo com Quinet, sustentam que “o analista-analisante pode conduzir análises sem, no entanto, haver terminado a sua e tampouco sem extrair da fantasia a segurança de seus atos” (QUINET, 2009, p.146)¹³.

Depois de abordarmos essas questões concernentes ao aforismo “o analista autoriza-se de si mesmo”, que a nós não são tão óbvias assim, podemos concluir que não se trata de uma postulação leviana e sim criteriosa e inovadora, que engloba toda uma concepção a respeito do que é um processo analítico e o que dele resulta. A questão da formação do analista ocupou Lacan durante todo o percurso de sua obra. Cabe a nós relançar esses questionamentos salientando a importância que eles têm no cumprimento de uma ética que não deve estar pautada em outra coisa senão no desejo.

¹³ QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, J. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, livro 15: O Ato Psicanalítico*. Porto Alegre: Escola dos Estudos Psicanalíticos, 2001.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. *O Seminário, livro 7: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1991.

Ornicar? Digital N ° 208- sexta-feira, 31 de maio, 2002. Multilingual Electronic Journal of Psychoanalysis, publicado em Paris por Jacques-Alain Miller.

QUINET, A. *A estranheza da psicanálise: a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.